

05-02-2021

O melhor vendedor do mundo

Fabritzio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório do trabalho latino-americano]

Dulyardo López Gutiérrez é um de meus melhores amigos. Se é que existem melhores amigos. Amigos não deveriam ser melhores ou piores. Apenas deveriam ser. Alguns se vão. Outros nunca chegam completamente. Mas Dulyardo é. É um de meus melhores amigos. E é médico. Para mim ser médico não é nada demais. Eu não sou. Outros são. Não tem um significado especial para mim que eu tenha amigos médicos, jogadores de futebol, advogados, vagabundos, jornalistas, pedreiros, engenheiros, garçons, porteiros, deputados, desempregados, sindicalistas, fonoaudiólogos, aposentados, não vou ficar aqui fazendo uma lista interminável... São meus amigos e ponto. Já para os grandes amigos a lista diminui bastante. E Dulyardo é um dos grandes. E é médico, o que para ele tem um significado muito especial, embora para mim, como eu já disse, não tenha. Insisto no fato de ele ser médico, porque eu nunca vi um médico assim. Eu já tinha ouvido falar e até já tinha lido sobre médicos que sobrepujam os limites da natureza humana para exercer seu ofício. Agora na pandemia vimos muitos exemplos de dedicação extrema, alguns que morreram do Covid-19 por sua abnegação e luta incansável por seus pacientes. A literatura me lembra os médicos que ofereceram seus próprios corpos para experiências que poderiam salvar vidas, médicos nos fronts de guerra cuidando dos feridos, até hoje em ação em vários países, médicos que se dedicaram aos leprosos morando nos antigos leprosários e outros vivendo nos hospícios para lutar contra o genocídio cometido contra os loucos nos verdadeiros campos de concentração onde eram tratados como lixo humano. Já conheço Dulyardo há uns 30 anos e, mesmo que eu não esteja com ele frequentemente, não há um só dia em que ele não esteja comigo. Sua presença é testemunha distante de minhas atividades e reflexões cotidianas. Em seus vinte e poucos anos de médico nunca teve um emprego. Em todas as comunidades por que passa e distribui suas mãos é chamado de *El Doctor*. Muita gente nem sabe seu nome. Alto e cabeludo, a doçura de seus olhos verdes é sua principal identidade. Dulyardo conhece todos os departamentos da Colombia (equivalente aos estados brasileiros) e em vários deles tem estadia, alimentação e até alguma ajuda financeira para suas andanças. Costumo vê-lo a cada três ou quatro meses quando vem a Bogotá para ficar com sua mãe e com Romana, sua eterna namorada. Quando Romana tem férias da Secretaria de Justiça costuma acompanhá-lo em sua peregrinação incansável pelas comunidades miseráveis da Colombia.

Mesmo nos territórios dominados pelas FARC [Forças Armadas Revolucionárias da Colombia] ele é aceito e respeitado. *El Doctor* tem passe livre em seu país. Só quem não o aprecia é a classe médica. Muitos acham que ele é louco, embusteiro, charlatão. Em nosso último encontro, já durante a pandemia, ele estava muito extenuado e mais indignado do que de hábito. Mesmo assim seus olhos de esperança estavam mais brilhantes. “*Cada vez tenho mais certeza de que escolhi o melhor para minha vida*”, ele me disse. Profundo conhecedor da medicina tradicional indígena e da fitoterapia, Dulyardo raramente usa medicamentos industrializados. Conversamos longamente mas, mais ouvi do que falei. Ele bebe pouco, mas bebemos muita cerveja e até um pouco de cachaça (*licor de caña*).

Depois de rirmos um pouco ele falou de sua inquietude...

“O que vi na pandemia comprovou minha teoria de que o médico ‘moderno’, formado NO e PARA o mercado, é o melhor vendedor do mundo. Para o complexo médico industrial e o cada vez mais crescente negócio da doença, o médico é o lacaio escravizado do capital. A comissão que todo vendedor ganha na venda, no caso do médico é pago sob a forma da desgraça de muitos de seus pacientes. Pessoas miseráveis que já vendem sua alma, sua casa e a comida de seus filhos pra comprar remédios e fazerem exames cada vez mais inúteis e mais caros, na pandemia estão sucumbindo ao que há de pior na espécie humana - a perversidade -. É preciso pagar, pagar, pagar.

Pagar por remédios que não fazem efeito, pagar por exames que nada resolvem, pagar para serem atendidos, pagar para ter a esperança de viver, pagar para morrer e depois pagar para ser enterrado. Os que ainda não sucumbiram, estão pagando adiantado para ter a vacina. O que posso fazer?

Dizer que a vacina vai chegar gratuitamente em algum momento, reafirmar os cuidados com a propagação da doença que as autoridades confiáveis e sérias recomendam e estar do lado deles para conversar, conversar, conversar. E o que fazer para desconstruir a confiança cega que as pessoas têm em seus médicos, mesmo que eles sejam os melhores vendedores do mundo? Não falo em Dr. X ou Dr. Y, apenas ofereço minhas mãos limpas, sem a marca \$\$, e mostro a eles as notícias que eles precisam saber mas que não têm acesso. A grande maioria das pessoas que atendo e acompanho não sabem ler e não acessam as mídias confiáveis. Muitas vezes a religião é um entrave.

Outro desafio. Mas o desafio é o que mais alimenta a minha confiança. Estou aqui com você, meu amigo, numa tarde agradável de reposição de energia e alegria, mas estou com a cabeça lá em Putumayo. As festas de fevereiro estão me preocupando, estou levando um monte de máscaras para crianças. Elas ainda não sabem o que é negacionismo e gostam de brincar com elas sabendo que é para espantar o monstro invisível que mata seus avós.” (adapte e traduza)

El Doctor ainda nem partiu e já estou aqui com saudades.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.